

Bruno Bettelheim

Em 13 de março de 1990 suicidava-se o psicanalista austriaco Bruno Bettelheim, com um saco plástico enfiado na cabeça. Aos 83 anos, o autor dos revolucionários *Uma vida para seus filhos*, *Psicanálise*

dos contos de fada e *O coração informado* perdeu justamente aquilo que passou a existência transmitindo a seus leitores e pacientes: o sentido para a vida

tão, a trabalhar com crianças autistas, com seres humanos frágeis, que de algum modo rompem todos os vínculos com o mundo exterior, refluem para dentro de si mesmos, se fecham naquilo que o próprio Bettelheim chamou, no título de um livro bellissimo (ainda não traduzido para o português), uma "fortaleza vazia" ("The empty fortress").

Percebendo que havia uma ligação meio obscura porém inegável entre o refúgio da criança autista em sua "fortaleza vazia" e a mãe da criança, optou por um caminho drástico: passou a trazer as crianças para sua clínica, separando-as de suas respectivas mães. E, para lidar com as crianças, na Escola Ortogênica de Chicago, exigia que os terapeutas por ele contratados fizessem uma auto-análise permanente, implacável, para se conhecerem melhor, para não se iludirem a respeito de suas motivações pessoais e de seus limites profissionais, a fim de não repetirem erros eventualmente cometidos pelos pais das crianças psicóticas.

O próprio Bettelheim, nessa auto-análise, se deu conta de que, como ele escreveu, "participando no processo de integração de pessoas totalmente desintegradas, eu podia, por pessoas interpostas, compensar, de algum modo, minha própria experiência de desintegração vivida nos campos de concentração". A tarefa do tratamento das crianças esquizofrênicas era, então, uma continuação, uma complementação da tarefa de sobreviver sob o terror nazista. E o psicanalista sabia com que motivação particular a estava enfrentando: sabia por que estava se empenhando, realmente, nela.

A experiência do tratamento das crianças autistas levou Bettelheim a se interessar mais profundamente pelos problemas do desenvolvimento das crianças normais. Criticou a superficialidade otimista e a ingenuidade da proposta pedagógica de Alexander Neill, em Summerhill, porém ressaltou: "A falta de profundidade psicanalítica de Neill é compensada pelo grande respeito que ele dedica à criança, reconhecendo-a como um ser humano único". Criticou o espírito ultracompetitivo inculcado nas crianças pela educação norte-americana, mostrando a inconsequência que se manifesta no ímpeto de pais "pacifistas", que proibiam aos filhos brincar com revólveres de espoleta e ao mesmo tempo os incitavam a um esforço brutal para obterem as melhores notas na escola e se tornarem os primeiros de suas respectivas classes.

Ao contrário do que sugere o mito grego do nascimento de Palas Atenas - que saiu armada e pronta para a luta da cabeça de Zeus - a sabedoria não nos é dada no nosso ponto de partida e o conhecimento é adquirido paulatinamente. Por isso, devemos nos debruçar com certa humildade diante da representação da realidade elaborada pelas crianças e pelos novos ditos "primitivos", porque nessas representações, com frequência, estão elementos de verdade extremamente preciosos, que nós precisamos incorporar à nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Com essa preocupação, Bettelheim escreveu outro de seus belos livros: "A psicanálise dos contos de fadas" (no original: "The uses of enchantment"). Em vez de nos servirmos de conceitos éticos abstratos e procurarmos impô-los às crianças, advertia o psicanalista, devemos tratar de ajudá-las a descobrir, afetivamente, significação nas coisas. Os contos de fadas ensinam que a luta contra as dificuldades, na vida, é inevitável; mas ensinam também que, se a pessoa souber perseverar, se for capaz de insistir no combate por aquilo que ela realmente quer, acabará vitoriosa.

Essa lição é fundamental. Mas, como todas as lições a serem extraídas da experiência dos seres humanos, também ela depende de um contexto no qual acabam por se manifestar os nossos limites.

Somos todos seres finitos. Por mais rica que seja, uma experiência de vida se realiza sempre numa escala limitada. As pessoas envelhecem. E Bettelheim, envelhecido, foi obrigado a se afastar das atividades que desenvolvia na sua clínica. Como ele mesmo dizia, seus ossos já não suportavam mais o esforço de ficar de quatro, no chão, para brincar com os pequenos esquizofrênicos, alegrando-os e ajudando-os a se abrir um pouco para o mundo.

Há pouco mais de um ano, morreu sua mulher. O psicanalista, viúvo, teve um derrame cerebral; ficou semiparalítico. Foi internado numa clínica. Estava com 86 anos de idade, não tinha nenhuma perspectiva animadora pela frente. Talvez tenha, então, recordado uma frase que ele mesmo escreveu, num dos ensaios do livro *Sobrevivência*: "O sentido da morte e o sentido da vida estão tão intimamente entrelaçados um no outro que, quando a vida aparece como tendo perdido toda e qualquer significação, o suicídio aparece como solução fatal".

Aproveitou um momento em que o deixaram sozinho, pegou um saco plástico, enfiou a cabeça e se asfixiou.

Bruno Bettelheim nasceu e cresceu em Viena, numa cidade que foi habitada ou visitada por pessoas que marcaram de maneira decisiva a vida cultural do século XX, tais como os filósofos Carnap, Wittgenstein e Popper, o jurista Kelsen, o economista Schumpeter, os compositores Schoenberg e Mahler, o pintor Gustav Klimt, o jornalista Karl Kraus, os escritores Musil, Elias Canetti, Rainer Maria Rilke, o escultor Fritz Wotruba e o arquiteto Adolf Loos. Viena era, além disso, uma cidade onde fervilhavam idéias socialistas vigorosas e originais: por ela passaram Gramsci e Lukács; nela viveram os "austromarxistas" Otto Bauer e Max Adler. E em Viena viveu e trabalhou Sigmund Freud, o criador da psicanálise, o homem que marcou de maneira mais profunda o pensamento de Bruno Bettelheim.

Quando as tropas de Hitler invadiram a Áustria e ocuparam Viena, em 11 de março de 1938, Bruno Bettelheim tinha três características que desagradavam aos nazistas: era psicanalista, judeu e simpatizante da social-democracia. Foi preso e levado de trem para o campo de concentração de Dachau.

Logo na chegada a Dachau, Bettelheim foi barbaramente espancado, chegou a correr risco de vida. Preparou-se, porém para sobreviver. Chegou à conclusão de que dispunha de condições superiores às dos demais presos para enfrentar a desgraça. Primeiro, porque, sendo politizado, estava informado a respeito das concepções adotadas pelos nazistas e dos objetivos com os quais eles haviam criado os campos de concentração. Depois, porque - como psicanalista - estava familiarizado com o "lado noturno" da condição humana e podia se apoiar em conhecimentos psicológicos que o ajudariam a compreender o que se passava na alma dos carcereiros e na alma dos presos.

Observou, logo, que a primeira surra aplicada aos prisioneiros era a mais violenta, a mais brutal. As sessões de pancadaria subsequentes eram menos rudes, porque supunham que a força moral de resistência por parte dos presos já tinha sido quebrada no espancamento da primeira. Embora fosse um psicólogo competente, Bettelheim fez observações que o convenceram de que o comportamento dos guardas do campo de concentração (os terríveis SS, os "Schutz Staffeln") não era determinado pelo "sadismo" ou por um impulso psicológico: era determinado - burocraticamente - por um sistema, por uma organização. Com sua lucidez, ele notou: "Nunca vi um guarda maltratando um prisioneiro quando estava de folga, isto é, quando não estava no seu horário de serviço". O que deixava bastante claro que o espancamento não derivava do prazer sádico, mas era parte do serviço.

Havia lógica na loucura: uma lógica perversa, torta, monstruosa, mas apreensível. E Bettelheim se empenhou em observar e analisar essa lógica. Como contou no livro "O coração informado", um dia ele notou que os guardas, nas sessões de espancamento, batiam mais nos prisioneiros que usavam óculos. Procurou saber por quê. E descobriu que, para os nazistas, o fato de um preso usar óculos indicava que provavelmente se tratava de um intelectual. Intelectuais são líderes pontenciais de movimentos reivindicativos, são possíveis organizadores de movimentos de resistência. Por isso, deviam ser massacrados.

O "sistema" concentracionário não temia os indivíduos isolados, incapazes de se contrapor eficazmente à sua ação destruidora. "O sistema era demasiado poderoso para que um indivíduo isolado pudesse proteger contra ele a unidade de sua vida afetiva". A repressão se concentrava nas pessoas organizadas em grupos, em comunidades. Os comunistas e os social-democratas, politizados, eram controlados com especial atenção. Também inspiravam uma desconfiança acentuada os membros da seita das "Testemunhas de Jeová". Os judeus, naturalmente, eram tidos por inimigos pífidos. E os ciganos despertavam um ódio particular na cúpula nazista (cerca de cem mil ciganos morreram nos campos de concentração).

Bettelheim procurava conversar com as pessoas, animava-as, ouvia-as. Conseguiu dialogar com mais de 600 prisioneiros entre os cerca de 6.000 de Dachau. Depois, foi transferido para o campo de Buchenwald, que tinha mais ou menos 8.000 presos; e lá estabeleceu relações pessoais com cerca de 900 seres humanos. Esses contatos lhe permitiram verificar que alguns presos, antes mesmo de serem assassinados, já estavam inteiramente destruídos por dentro; já confessavam que não saberiam se readaptar ao mundo "lá fora" e não poderiam levar uma vida "normal".

Enquanto os presos, na sua imensa maioria, tratavam de bloquear e esque-

cer o que viam no campo e, se conseguiam sair de lá, removiam as imagens desagradabilíssimas da lembrança, Bettelheim, como psicanalista, reagia de maneira diferente. Ele pensava: se escapar daqui com vida, procurarei lembrar tudo que vi e tratarei de aproveitar essa experiência horrível na minha atividade profissional.

E um dia ele realmente saiu. Nos Estados Unidos, onde algumas pessoas já o conheciam, houve mobilização em favor de iniciativas destinadas a obter a sua li-

bertação. Os nazistas não facilitaram os entendimentos. Mas a esposa do presidente da República, Sra. Eleanor Roosevelt, mulher de muita personalidade, pediu por ele; e os alemães acabaram permitindo que Bettelheim emigrasse para a América do Norte.

Começou, imediatamente, uma campanha para esclarecer a opinião pública norte-americana a respeito da realidade dos campos de concentração nazistas. Em sua maioria, os cidadãos dos Estados Unidos tendiam a achar que havia muito "exagero" no que lhes contavam sobre os

campos. Pensavam: "não pode ser tão ruim; seria grotesco demais". Bettelheim insistia em explicar-lhes: era grotesco mesmo.

Além disso, o psicanalista se empenhou em aproveitar no seu trabalho como psicanalista o que pudera aprender no campo de concentração, quando fora levado a observar seres humanos postos numa situação-limite, isto é, numa daquelas situações extremas em que o aniquilamento absoluto está diante de nós como possibilidade concreta. Passou, en-

